



Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos

Pâmela Marconatto Marques¹

Resumo

O título do presente artigo refere-se às estórias haitianas que, apesar do terremoto de 2010 e da ampla e inesperada cobertura midiática que suscitou o desconhecido país caribenho, continuam distantes dos brasileiros e dos demais países latino-americanos, seus vizinhos. Estas estórias foram, em parte, vivenciadas pela autora que oferece aqui seu testemunho e, em parte, colhidas nos raríssimos trabalhos acadêmicos e relatórios institucionais sobre educação haitiana. Assim, o trabalho proposto tem uma estética híbrida: é um testemunho de viagem atravessado por elaborações poéticas e aprofundado por referências teóricas essencialmente caribenhas. Entretanto, sua ética é uma e bem definida: contar um Haiti pouco conhecido, menos espetacularizado e, por isso mesmo, mais complexo e mais humano. É nessa moldura que se insere uma análise sobre a educação no país – do ensino básico ao superior – e suas estórias de resistência e esperança.

Palavras-chave: Haiti. Relatos de viagem. Educação. Redução da pobreza. Universidade Pública.

Otros Cuentos Haitianos: educación, resistencia y esperanza en lo más no desconocido de los países latino-americanos

Resumen

El título del presente artículo se refiere a los cuentos haitianos que - a despecho del terremoto de 2010 y de la amplia e inesperada cobertura de los medios que ha suscitado el desconocido país caribeño - siguen muy distantes de los brasileños y de los demás países latinoamericanos, sus vecinos. Tales cuentos y relatos fueran en parte vivenciados por la autora que, por lo tanto ofrece su testigo, y por otra parte fueran cosechados en los rarísimos trabajos académicos y reportes institucionales destinados a la educación haitiana. Por eso el trabajo propuesto tiene una estética híbrida: es testigo de viaje traspasado por elaboraciones poéticas y profundizado por referencias teóricas esencialmente caribeñas. Entretanto, su ética es una sola y muy bien definida: relatar un Haití poco conocido, sin espectáculos y por eso mucho más complejo y más humano. Es en esa moldura que se insiere un análisis acerca de la educación en el país - desde la enseñanza básica hasta la superior – y sus cuentos de resistencia y esperanza.

Palabras clave: Haití. Relatos de viaje. Educación. Reducción de la pobreza. Universidad Pública.

Other Haitian Stories: education, resistance and hope in the most unknown Latin American country

¹ Graduada em Direito e em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em Integração Latino-Americana pela mesma instituição. Atualmente, cursa mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Correio eletrônico: pmarconatto@gmail.com.

Abstract

The title of this article makes reference to Haitian stories that, despite the 2010 earthquake and the wide and unexpected media coverage of this unknown Caribbean country, they continue to be unfamiliar to the Brazilian as well as to the neighbor Latin American countries. These stories were, in part, lived by the author and are offered here as a testimony, and in part obtained from the very rare academic works and institutional reports on Haitian education. Hence, the article has a hybrid aesthetic: it is a journey testimony marked by poetic elaborations deepened by theoretical Caribbean references. However, its ethics is only one well defined: to tell about a less known Haiti, less covered by spectacle and, precisely for this reason, more complex and more human. It is within this framework that the analysis of the country's education (from basic to higher – is provided, as well as the stories of resistance and hope.

Keywords: Haiti. Travel report. Education. Poverty reduction. Public university.

Introdução

O título do presente artigo refere-se às histórias haitianas que, apesar do terremoto de 2010 e da ampla e inesperada cobertura midiática que suscitou ao desconhecido país caribenho, continuam distantes dos brasileiros e dos demais vizinhos latino-americanos. Tais histórias foram em parte vivenciadas pela autora, que, portanto, oferece aqui seu testemunho, e em parte colhidas nos raríssimos trabalhos acadêmicos e relatórios institucionais destinados à educação haitiana. Assim, O trabalho proposto tem uma estética híbrida: é testemunho de viagem atravessado por elaborações poéticas e aprofundado por referências teóricas essencialmente caribenhas. Entretanto, sua ética é uma e bem definida: contar um Haiti pouco conhecido, menos espetacularizado e, por isso mesmo, mais complexo e mais humano.

Estórias de viajante: desvendando outros Haitís

*Pati pas di ou rivé pou ça*². Ao deixar o Haiti, em Março de 2008, essa frase reverberava em mim com um tom de desafio. Desde a minha preparação para a viagem, há pelo menos doze meses atrás, eu vinha ouvindo que o Haiti não se revelava a principiantes e, temendo ser um deles, passava horas a fio estudando suas particularidades históricas, antropológicas e geopolíticas. Se o vaticínio de Michel Onfray (2009) - “o viajante só encontra aquilo que leva” - se provasse correto, eu encontraria um Haiti assolado pela desesperança, lamentando uma posição geográfica que só podia ser castigo, inviável economicamente e politicamente ingovernável.

² “Só porque você partiu não quer dizer que tenha chegado”. Dito popular haitiano, em sua língua, o creole. Todos os ditados populares utilizados nesse relato encontram-se no livro “País sem Chapéu”, do haitiano Dany Laferriere, cuja referência completa está listada ao final.

Felizmente, o Haiti que eu levava não foi o único que vi.

Visitei o Haiti como pesquisadora vinculada ao Instituto canadense *International Development Research Center* (IDRC), financiador de projetos voltados ao estudo de países menos avançados, junto a outros pesquisadores (incluindo meu orientador e uma equipe jornalística). Minha agenda por lá comportava uma parte da estadia na capital Porto Príncipe, onde estavam agendadas visitas institucionais, e outra na costa oeste, entre Jeremie e Leon, onde acompanharia o trabalho de freiras brasileiras, duas delas há mais de vinte anos no país.

Apesar de, naquele momento, estar realizando o Mestrado em Relações Internacionais, meu olhar esteve sempre contaminado pela antropologia e pelo desafio de aproximar o exótico e estranhar o comum. Assim é que, inclusive em Porto Príncipe, a despeito da importância política da passagem pelos Ministérios e da imponência das mansões de embaixadores, minha retina colou-se aos haitianos comuns, um colorido teimoso que se exibia entre os tons de branco e preto que dominavam a paisagem das ruas.

O solo do Haiti é rico em calcário, matéria prima para a fabricação de cimento, o que explica as fileiras intermináveis de casinhas brancas, muito pequeninas e rudimentares, instaladas na descida dos morros e nas planícies. O contraste é dado pelo carvão, fonte de energia mais utilizada no país ante a inexistência de petróleo, gás natural e/ou condições para instalação de hidrelétricas ou captação de energia eólica. O colorido, por sua vez, está nos cabelos das mulheres e meninas, cuidadosamente trançados e enfeitados com toda a sorte de adereços, nas roupas de passeio e de trabalho, igualmente bem cuidadas, e nos mercados de rua, que se prolongam por muitos quilômetros nas regiões de Pettion Ville e Jacmel, em Porto Príncipe, oferecendo aves, colchões, bananas, escovas de dente, serviços gerais e muita conversa, já que é notoriamente dominado pelas mulheres cujas línguas, segundo outro dito famoso no Haiti, “não conhecem domingo”.



Figura 1 - Imagens colhidas nas ruas de Porto Príncipe

Entrego-me, enfim, como me teria sugerido Maffesoli (2008), a olhar o cotidiano, e constato, com este colorido que se levanta altivo, uma vida que se apoia na sua estetização, que se faz bonita, vibrante e cheia de emoções partilhadas nesses espaços comumente associados à degradação. Descubro, ainda na primeira semana, que as casas haitianas são pequenas porque usadas somente para dormir. Geralmente, uma casinha de um cômodo abriga mais de cinco pessoas que se revezam no sono. Enquanto parte delas trabalha, a outra dorme. Assim, no Haiti, o dia não envelhece. A noite não tira as mulheres e os homens da rua, onde *vivem*, muito além de garantir o sustento. As refeições, o banho, as conversas, a preparação das crianças para a escola, até o amor e seus rituais se dão fora de casa, num espaço que é de todos, mas que comporta a intimidade. O Haiti 'não tem dentro', como diria Fernando Pessoa (1993), ele é fora e inteiro nessa 'mostração'. Nesse caso, usando o apelo de Van Gogh, “é preciso acreditar sem hesitação que o que é, é” - um eco da sugestão de Nietzsche para se “buscar a profundidade na superfície das coisas”. Esse estilo estético revela um ideal comunitário que é construído e reforçado à medida que é vivido. Tudo isso, envolvido numa sólida organicidade, como diria Maffesoli (1995), lembrando muito seu entendimento sobre o tribalismo, arcaísmo que volta à tona nas sociedades pós-modernas, onde o que predomina, “ao contrário do isolamento, próprio do individualismo exacerbado, é um relacionismo em todos os sentidos” (MAFFESOLI, 1995, p. 56).

O comércio de rua haitiano é um dos exemplos mais interessantes da manifestação desse *relacionismo* baseado na solidariedade. O *pratik*, como é chamado, designa tanto a prática quanto os praticantes de uma rede de troca que admite desde produtos de necessidade básica, passando por favores, até proteção e apadrinhamento de filhos e/ou parentes. Tudo é trocado no mercado, onde outra forma de estar junto, que não é pensada, mas vivida, ganha contornos. Em um país onde energia elétrica é privilégio, essa forma de estar junto “não está voltada para o longínquo, para a realização de uma sociedade perfeita no porvir, mas se dedica a organizar o presente, que se tenta tornar o mais belo possível” (MAFFESOLI, 1995, p.17).

Essa beleza possível comporta inclusive a anomia, uma certa bagunça, um ruído constante que perturba um pouco os ouvidos ocidentais acostumados ao som e não à fúria. O ruído haitiano mescla conversas e negociações que se dão aos gritos, o batuque repetitivo do *Rá-Rá*³, o som constante das buzinas que governam um trânsito que flui no caos, a cantoria dos galos prontos para a rinha e o *compas*, ritmo das cerimônias de vodu, religião que

³ A expressão Rá-Rá designa tanto o carnaval haitiano quanto o som repetitivo e hipnótico do batuque tocado nessa ocasião.

atravessa todos os segmentos da vida dos haitianos. É como se a vida se desse no que Maffesoli (1995, p.22) chama de “harmonia conflitual”, harmonia que integra a desarmonia, ordem que agrega o caos.

Outro elemento interessante da vida haitiana é a onipresença do 'mundo dos mortos' ou 'país sem chapéu', como é poeticamente chamado. O haitiano Dany Laferrière (2011) conta – entre o chiste e o desafio - a confusão dos agentes do censo ao tentarem levantar o número de haitianos. Ao questionar uma senhora sobre o número de filhos que teria, receberam a resposta de que teria dez filhos, ante o que lhe foi perguntado e ela mencionou que a metade estava na escola. Quando questionada sobre a outra metade, informou que haviam morrido, mas continuavam sendo seus filhos. Outro exemplo da cominação contínua entre vida e morte é a pintura haitiana, arte *naïf* carregada de cores e cenários oníricos, que apresentam 'outras moradas dos homens'.

Esses elementos reforçam a sensação de que os haitianos compartilham um mistério, que não se apreende a partir de uma razão instrumental, como adverte Maffesoli, mas apenas de uma sensível. Esse mistério reforça o elã que os mantêm atados à vida e uns aos outros.

Chegando a Jeremie, cidadezinha circundada pelo Rio Grande Anse e praticamente isolada do restante do país, encontrei um Haiti que era outro e o mesmo, como diria Borges. A vida rural era fértil, entre rios e árvores. Dividimos o tempo, a pequena equipe formada por um cinegrafista, uma jornalista e duas pesquisadoras, entre a cidade e uma localidade encravada na zona rural, chamada Leon, onde sequer os militares chegavam.

Lá, participamos das atividades diárias das freiras, assistimos reuniões de grupos de jovens vocacionadas, que aprendiam a se ornar lideranças comunitárias e religiosas no sincretismo possível entre o catolicismo e o vodu. Presenciamos reuniões de trabalhadores que se organizavam em cooperativas informais e de lideranças locais que ofereciam suas próprias casas para que se tornassem escolas.

Ao visitar as escolinhas rurais, vi que se pareciam muitíssimo com as nossas, por sua precariedade e um certo ar de improvisado. A diferença estava no fato de que apenas 10% das escolas haitianas são públicas e que pagá-las, num país onde 80% da população sobrevive com menos de um dólar por dia, pode ser a diferença entre comer ou não. Ainda que eu sentisse que a formação do haitiano se dava sobre tudo fora da escola, e que esses ambientes marcados pelo estar junto coletivo eram extremamente pedagógicos, percebi que a comunidade desejava a educação formal, que viam nela uma alavanca para o futuro de seus filhos, a despeito da pobreza em que viviam.

Escolas haitianas: exclusão e reforço da pobreza

As bases do ensino haitiano foram importadas da França, quando da independência do Haiti, em 1804⁴. Daí o fato de a língua oficial das escolas/universidades ter sido, durante a maior parte do tempo, o francês e não o *kréyol*⁵, e do pressuposto de que as instituições de ensino deveriam concentrar-se nas cidades e formar uma elite separada das massas ou das classes populares (INURED, 2010, pg.13).

Ainda hoje, mesmo depois de reformas importantes⁶, as desigualdades sócio-educacionais manifestam-se com força nos diferentes tipos de escolas públicas e privadas, que afunilam drasticamente o caminho do haitiano até a Universidade. Joint (2008, p.185) distingue cinco categorias de escolas no Haiti:

I) escolas *borlette* (de loteria) - escolas privadas, caracterizadas pela precariedade estrutural e de recursos humanos e, em razão de seu baixíssimo custo, frequentadas por alunos que não conseguiram pagar as taxas regulares de outra escola, na maioria se localizam na zona rural;

II) escolas médias privadas - caracterizadas como um pouco superiores que as *borlette*, mas ainda bem inferiores às congregacionais, uma vez que seu quadro de professores é inferior, geralmente são as melhores escolas da zona rural, dirigidas por particulares preocupados com a educação de seus próprios filhos, os alunos que pagam regularmente as taxas recebem acompanhamento pedagógico;

III) escolas congregacionais privadas - normalmente compostas por um quadro de professores bem formado, estruturas pedagógicas e materiais didáticos mais ou menos adequados e acompanhamento pedagógico regular, são frequentadas, sobretudo, pelas classes populares urbanas, é comum a separação dos alunos de acordo com sua classe social (enquanto a turma da manhã é reservada às crianças cujos pais têm condições de pagar as taxas, a turma da tarde reúne as crianças pobres, cujos pais não as podem pagar e são recebidas a título de caridade);

IV) escolas internacionais privadas - localizadas apenas em setores urbanos e em pequeno número, geralmente são geridas por estrangeiros e professores haitianos formados no exterior, seu programa de ensino nada tem a ver com o sistema educacional haitiano, uma vez que

⁴ Para conhecer mais profundamente o processo de abolição da escravatura, seguido pela independência haitiana, ver: CASTOR, Susy. El significado histórico de La revolucion de Saint Domingue. *OSAL*, ano IV, nº 12, 2003. Sua autora, Suzy Castor é uma conhecida historiadora e articuladora social haitiana, atual diretora do CRESFED – Centre de Fomartion et de Recherche Économique et Sociale pour Le Développement, no Haiti.

⁵ O *créole* é uma língua com elementos de francês e espanhol – as línguas faladas pelos colonizadores haitianos – fundamental na articulação do processo de independência haitiano. Na reforma educacional realizada em 1979, passou a ser a língua oficial, a ser ensinada nas escolas públicas haitianas que, no entanto, somente contavam com material didático em francês, dificuldade que permanece nos dias atuais.

⁶ Em 1879, por exemplo, deu-se uma das mais importantes reformas educacionais do Haiti, estabelecendo a criação de escolas rurais e campanhas de alfabetização de adultos camponeses. Um século depois, a taxa de escolarização das crianças e jovens haitianos (de 5 a 14 anos) havia passado de 8% para 52%. Entretanto, dos 48% dessas crianças e jovens em idade escolar que permaneciam sem acesso à escola, 79% estavam no meio rural (JOINT,pg.183).

aplicam apenas programas em vigor na França, no Canadá e nos Estados Unidos, são frequentadas, sobretudo, por filhos de funcionários internacionais e da elite haitiana e prepara o jovem para continuar seus estudos superiores no exterior, são bastante caras.

V) liceus públicos - frequentados pelas camadas populares e, em menor número, por filhos das classes médias do país (comerciantes, funcionários públicos de baixo escalão, professores etc.) que não querem pagar escolas privadas, a maioria tem a reputação de ter bons professores, mas são recorrentes atrasos e faltas.

O Estado, por sua vez, não contribui, não fiscaliza e sequer conhece a maioria dessas escolas.



Figura 2- Imagens de uma escolinha *bourlette* em Léon



Figura 3- Escolinha média em Léon⁷

⁷ A primeira imagem desta sequência mostra Madame Moint Claire - que cedeu sua casa para abrigar a escola - no quarto que ainda mantém. Sobre a cama, os pãezinhos que compõem a merenda escolar, incrementada pelo carreteiro de pombo. A outra foto mostra crianças e familiares na entrada da escola.

É importante ressaltar que 50% das crianças haitianas estão fora da escola⁸ e, entre as que estão dentro, mais de 80% frequentam escolas privadas⁹. Nessas, a prática de “seleção por eliminação” vem afastando centenas de milhares de jovens do ensino médio e superior. Através dessa prática, nas palavras de Joint (pg.187), “os alunos fracos são gradativamente excluídos, e apenas os ‘mais fortes’ sobrevivem e chegam às últimas classes”. A seleção por eliminação conta com exames aplicados regularmente ao final os ciclos de vida escolar¹⁰. Caso o aluno não obtenha aprovação, deve pagar uma taxa que aumenta proporcionalmente ao número de reprovações que o aluno tiver. Assim, se for reprovado por três anos consecutivos, terá de pagar uma taxa três vezes maior para voltar a repetir o ano escolar e, ao final, tentar mais uma vez a aprovação no exame.

Podemos facilmente concluir que a maioria abandona os estudos já na primeira reprovação, dado o alto custo da taxa. Em minha viagem ao Haiti, ouvi muitas vezes a explicação de que o sistema havia sido criado para 'evitar a vagabundagem entre os alunos' e manter na escola apenas os que a valorizavam. Entretanto, em minhas caminhadas e em conversas com a população local soube que na maioria das escolas o turno de estudos é integral e, como não há energia elétrica, os alunos têm dificuldade para estudar à noite. Para enfrentar a falta de energia, era comum ver jovens amontoando-se em torno dos postes de luz em postos de gasolina de multinacionais e subindo aos telhados com os primeiros raios de sol para estudar.

Em razão disso, tememos que a educação haitiana seja um dos garantidores da reprodução de um sistema social fundado sobre a exclusão e, uma vez que não há qualquer regulação do ensino privado pelo Estado, acreditamos que a educação no Haiti não está inserida em um projeto de país e menos ainda voltada para a superação da pobreza.

O drama se acentua quando se tem a chance de conversar com as famílias que se sacrificam para pagar a escola dos filhos e se percebe a fé inquebrantável que depositam na

⁸ No alto índice de crianças fora da escola incluem-se, tem participação o fenômeno *restavek*, como são conhecidas crianças que, entregues por suas famílias, geralmente muito pobres, à alguma em melhores condições, tornam-se escravas domésticas, responsáveis, inclusive, pela iniciação sexual dos meninos da casa. Para saber mais sobre os *restaveks*, ver: Restavek: the persistence of child labour and slavery, relatório apresentado às Nações Unidas pela Fundação Restavèk Freedom em outubro de 2011, disponível em: <http://lib.ohchr.org/HRBodies/UPR/Documents/session12/HT/RF-Restav%C3%A8kFreedom-eng.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2012.

⁹ Os dados apresentados constam no projeto “Education for all in Haiti” de autoria do Banco Mundial, disponível no link: <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/LACEXT/0,,contentMDK:21896642~pagePK:146736~piPK:146830~theSitePK:258554,00.html>. Acesso em: 07 de fev. 2012.

¹⁰ A educação no Haiti é dividida em *ensino básico*, que compreende nove anos letivos, divididos em três ciclos, respectivamente de quatro, dois e três anos; *nível médio ou secundário*, que compreende quatro anos, levando à obtenção de um diploma de bacharelado e com a obtenção do mesmo, o jovem pode candidatar-se a uma vaga em *nível superior*, através de um exame de admissão.

educação como vetor quase exclusivo de mobilidade social. Sobretudo, percebi que essas famílias sonhavam com o ingresso de seus filhos na Universidade.

Minhas anfitriãs em Jérémie disseram-me que para um jovem que não vivesse ou não tivesse parentes na capital Porto Príncipe, onde a Universidade Pública do Haiti está instalada, cursar uma faculdade era praticamente impossível. Sem dinheiro para as necessidades mais básicas, era impensável para uma família pobre – principalmente de camponeses – arcar com aluguel, alimentação e pagamento das taxas, pagas mesmo à Universidade Pública, de um filho em Porto Príncipe. A saída que muitos jovens da região vinham encontrando era o aprendizado da língua portuguesa – que as freiras brasileiras ofereciam – e a tentativa de uma bolsa de estudos no Brasil, também intermediada por elas. Junto dessa alternativa – que contemplava um ou dois jovens por ano – estava a mesma tentativa de bolsa em Universidades cubanas.

Conheci alguns jovens que vinham empenhando-se nos preparativos para a tentativa de uma bolsa no Brasil. Eles já falavam um português bastante correto, criavam e declamavam poesias em nosso idioma. Impressionou-me o desejo, manifesto por muitos deles, de voltar ao Haiti depois de formados, e empregar seus conhecimentos no país¹¹. Esses jovens constituíam a minoria que termina o ensino médio em regiões rurais.

A Universidade pública no Haiti: histórias não contadas de luta e resistência

A única Universidade Pública do Haiti¹² foi fundada em 1945, a partir da agregação de faculdades que já funcionavam autonomamente¹³, sob o nome de Universidade do Haiti¹⁴. Em 1960, ocorreu sua reinauguração sob o regime ditatorial de François Duvalier, quando recebeu o nome atual, Universidade de Estado do Haiti (UEH). Entretanto, há cerca de um século, faculdades como a de Direito já existiam no país, voltadas à formação dos quadros que determinaram um longo período de políticas e formação institucional do país.

A Universidade conta, atualmente¹⁵, com cerca de 15.000 estudantes, 1.100 professores e 400 funcionários, divididos em suas onze unidades na capital e sete outras distribuídas pelo país e um número crescente de candidatos buscando admissão.

¹¹ Mais arde confirmaria a impopularidade dessa disposição entre os jovens que veem na Universidade, sobretudo, o passaporte para um país estrangeiro, de onde possam enviar remessas de dinheiro às famílias que permanecem no Haiti e aumentando os números da diáspora haitiana.

¹² As informações acerca da UEH foram retiradas de dois importantes relatórios: um deles feito pelos brasileiros Nascimento e Tomhas (2010) para o Ministério da Educação do Brasil, e o outro pelo INURED (2010), instituto de pesquisa e desenvolvimento sediado em Porto Príncipe.

¹³ As faculdades referidas são Direito, Ciências, Medicina e a Escola de Agricultura.

¹⁴ Há, além da UEH, alguns centros de pesquisa e formação públicos, quase todos concentrados em Porto Príncipe e suas imediações.

¹⁵ Esses dados referem-se à situação imediatamente anterior ao terremoto.

Desde seu advento, mas em especial durante a vigência das ditaduras Duvalier, a UEH sofreu contínuas intervenções do poder estatal, tornando-se um dos alvos preferenciais da obsessão anticomunista que se espalhou pelo país, como no restante da América Latina: “faculdades e institutos sofreram intervenção direta, o movimento estudantil foi banido e seus líderes perseguidos, professores e alunos foram sequestrados, presos, torturados e mortos, além de outros tantos que buscaram refúgio no exílio” (NASCIMENTO e THOMAZ, 2010, p.56)¹⁶.

Assim como no Brasil e grande parte da América Latina, a atitude estatal repressiva, longe de desmobilizar, contribuiu para elevar o grau de politização da comunidade universitária que, ao lado de organizações populares, comunidades eclesiais de base e o movimento sindical, formou um dos mais importantes centros de resistência organizada à ditadura.

É interessante registrar que esse diálogo com a sociedade civil resistiu ao final da ditadura, quando a Universidade firmou-se como centro de debates e de resistência a governos que não se mostrassem comprometidos com os ideais de desenvolvimento nacional, democratização radical e melhora da qualidade de vida dos haitianos (JADOTTE, 2005).

O papel político da UEH foi mais uma vez reforçado durante o período conhecido como *coup d'état* no Haiti, em referência ao golpe militar que retira Jean-Bertrand Aristide, o presidente democraticamente eleito, do poder (1991-1994). Nesse período, a Universidade - principalmente seu movimento estudantil - voltou a sofrer intensa perseguição, ao transformar-se num “bastião da defesa do retorno à ordem constitucional” (NASCIMENTO e THOMAZ, 2010, p. 58). Novamente, centenas de estudantes foram presos e torturados, e muitos deles permanecem desaparecidos até hoje.

A volta de Aristide ao poder, em 1994, nos braços do mesmo país do qual suspeitava-se ter apoiado o golpe – EUA, não foi capaz, porém, de instaurar normalidade à convulsionada estrutura nacional. Na Universidade, tem início um período de greves marcado pela radicalização do movimento estudantil e da estafa do corpo docente, ambos, outrora apoiadores, a partir de então, opositoristas ao governo de Aristide, que, cada vez mais, passou a apostar no uso da violência por meio de forças paramilitares.

A deposição do presidente, em fevereiro de 2004, inaugura mais um período de presença internacional no Haiti¹⁷, desta vez através da MINUSTAH. A resposta da Universidade Pública é mais uma vez a mobilização em torno de uma plataforma de rejeição à intervenção, seja sob a forma de resistência à presença ostensiva das tropas no país, seja em

¹⁶ O saldo desse período é superior a 30.000 desaparecidos e mais de um milhão de exilados.

¹⁷ O Haiti sofreu uma ocupação americana no início do século XX.

protestos contra a ineficiência desses contingentes. Essa oposição rendeu uma série de confrontos entre a MINUSTAH e a UEH, ignorados pelos meios de comunicação.

O evento mais recente a somar-se ao histórico de convulsão que viveu a UEH desde sua fundação é o terremoto de 12 de janeiro de 2010. Dessa vez, há que se enfrentar a morte de turmas inteiras de estudantes, de um número considerável de professores e da destruição de mais de 80% de sua estrutura física. O impressionante relatório de Nascimento e Thomaz (2010) indica que turmas inteiras de Enfermagem e Linguística pereceram sob os escombros, enquanto outras, como as de Direito e Etnologia, salvaram-se porque estavam no pátio durante os desabamentos, as primeiras comemorando os 150 anos do curso e as demais protestando contra o assassinato de um professor por um encapuzado na porta de uma sala de aula. Além disso, foi perdida praticamente toda a infraestrutura de atendimento médico e cirúrgico e todo o material para atendimento ambulatorial, essenciais ao atendimento da população na situação de calamidade que se seguiu ao terremoto.

Segundo Nascimento e Thomaz (2010, p. 43), os prédios da Universidade que permanecem em pé tornaram-se asilo para os desabrigados (que ainda hoje passam de 500.000), atendidos pela própria população acadêmica, entre a preocupação com o futuro que se desenharia a partir dali e a necessidade de ajudar a população desesperada. Soma-se a isso o fato de que até quase um ano após o terremoto não existiam espaços alternativos suficientes que pudessem ser utilizados para a realização de atividades acadêmicas em caráter provisório, uma vez que praticamente todos os espaços públicos foram convertidos em campos de refugiados ou em centros de atendimento de saúde ou distribuição de alimentos.

Além disso, os autores mencionados apontam que, com as perdas humanas e materiais, “praticamente se esgotaram os recursos das estruturas de suporte familiar que asseguravam as condições mínimas para que os estudantes pudessem se manter na capital enquanto frequentavam as universidades” (NASCIMENTO e THOMAZ, 2010, p. 23).

Mas os desafios a serem enfrentados pela UEH e sua comunidade acadêmica não se restringem à situação pós-terremoto. Nascimento e Thomaz (, 2010, p. 23) apontam outros problemas significativos que já marcavam a Universidade Pública no Haiti antes do desastre.

Há uma situação de crise interna particularmente aguda na UEH, devido à mobilização dos estudantes em favor de uma plataforma ampla de reivindicações de reforma universitária e relacionadas com a política trabalhista do governo nacional, que, gerando um impasse de longa duração, ocasionou a interrupção das aulas em várias faculdades e não poucos enfrentamentos diretos entre estudantes, funcionários, professores e administradores e, mesmo, em alguns casos com a polícia e capacetes azuis da MINUSTAH.

Há uma marcada sub-representação e elevada especialização involuntária feminina em meio ao corpo discente de praticamente todas as áreas, com exceção da enfermagem. A participação das estudantes nos cursos superiores, seja em outras áreas da saúde, seja em cursos técnicos ou das ciências humanas, tem-se mantido extremamente baixo ao longo dos anos, e isso apesar de um desempenho escolar equiparável (ou mesmo melhor, diriam muitos) ao dos seus colegas. Um problema como esse denuncia a persistência de fatores econômicos e de segurança envolvidos na decisão das mulheres de deixar o sistema escolar antecipadamente ou de optar em meio a um espectro muito estreito de carreiras.

A ausência de uma biblioteca universitária central e o material bibliográfico extremamente precário e obsoleto utilizado pelos alunos de todas as áreas, faz com que eles despendam consideráveis recursos na aquisição de livros importados. A Biblioteca Nacional não chegava a representar uma alternativa viável, na medida em que, apesar da boa vontade de seus funcionários, contava com instalações e equipamentos muito precários, com um acervo fragmentário e desordenado e com coleções que, mesmo antes do terremoto, estavam armazenadas em péssimas condições, correndo o risco de serem danificadas.

O papel desimportante ocupado pela pesquisa e a formação de professores, incumbência relegada ao segundo plano por instituições quase inteiramente voltadas para o ensino, reproduz geração após geração uma escassez crônica de professores qualificados e de pesquisadores em número suficiente para sustentar atividades vitais de investigação, especialmente em áreas estratégicas para a reconstrução do país e o desenvolvimento de sua economia, como a gestão de recursos ambientais, produção de alimentos, manejo da infraestrutura etc. A carência na limitação de formação de quadros voltados para a pesquisa na área das Ciências Humanas se reflete na fragilidade ou mesmo inexistência de indicadores sociais e econômicos confiáveis, o que implica numa imensa dificuldade para a formulação de políticas públicas.

Entre as muitas perguntas que se impõem sobre o destino desses jovens, dessa Universidade e desse país, emerge a convicção de que as políticas educativas merecem destaque nos planos de reconstrução nacional e a Universidade, em especial, deve ser reconhecida como espaço público privilegiado, onde Estado, comunidade acadêmica e sociedade civil podem, em concerto e democraticamente, discutir os rumos de um país no qual a esperança e a resistência vêm, corajosamente, sobrevivendo às mais profundas desigualdades. Essa mesma visão – de um Haiti potente, para além das carências constatadas – deve tornar-se conhecida e inspirar igualmente a postura de seus vizinhos latino-americanos.

Referências

- HANKE, Stefanie; ANTONIN, Arnold. Haiti: el presidente inesperado – crisis y escenarios poselectorales. *Nueva Sociedad*, n. 234, p. 19-31, jul.-ago. 2011.
- INURED – Interuniversity Institute for Research and Development. *The challenge for Haitian Higher Education: a post-earthquake assessment of higher education institutions in the Pout-au-Prince metropolitan area*. Haiti, mar. 2010.
- JADOTTE, Hérard. *Le carnaval de La révolution: de Duvalier a Aristide*. Port-au-Prince: Éditions Fardin, 2005.
- JIMENEZ, Susana Vasconcelos; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: notas críticas sobre as diretrizes para a educação do novo milênio. *Cadernos de Educação*, n. 28, p. 119-137, jan.-jun. 2007.
- JOINT, Louis Auguste. Sistema Educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. *Pró-Posições*, v.19, n. 2, p. 181-191, mai.-ago. 2008.
- LAFERRIÈRE, Dany. *País sem chapéu*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- LUNDE, Henriette. *Youth and education in Haiti: disincentives, vulnerabilities and constraints*. Oslo: FAFO Research Foundation, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1995.
- _____. *Elogio da Razão Sensível*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.
- MAGGIOLO, Oscar J. La universidad latinoamericana: Un ensayo sobre su interpretación. *Nueva Sociedad*, n. 33, p. 5-15, nov.-dic. 1977.
- MARQUES, Pâmela M. Um mundo todo vivo tem a força de um inferno: relatos de uma viagem ao Haiti. *Anais do II Encontro Ouvindo Coisas: experimentações sob a ótica do imaginário*. 2011. Disponível em: <http://www.ufsm.br/gepeis/wp-content/uploads/2012/01/P+%C3%B3mela-Marconatto-Marques.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2012.
- MOLLIS, Marcela. Geopolítica del saber: biografías recientes de las universidades latinoamericanas. In: VESSURI, Hebe (Org.) *Universidad e investigación científica*. Buenos Aires: CLACSO 2006. p. 85-101.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PESSOA, Fernando. O Guardador de Rebanhos. In: Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1993.

Relatórios

CARLSON, Wendy L. et al. *The haitian diaspora & education reform in Haiti - challenges & recommendations*. Columbia University - Bureau of Haiti's Special Envoy to the United Nations and the Social Science Research Council (SSRC). May, 2011. Disponível em: http://sipa.columbia.edu/academics/workshops/documents/SSRC.BureauofHaiti_Capstone.pdf. Acesso em: 18 jan. 2012.

GOSELIN, Roger; PIERRE, Jean. *Report od mission conducted from May 22 to June 4, 2005*. Canadian International Development Agency. Canadá: 2005. Disponível em: <http://solutionshaiti.blogspot.com/2007/11/haiti-dossier-universite-detat-lettre.html>. Acesso em: 18 jan. 2012.

INURED – Interuniversity Institute for Research and Development. *The challenge for Haitian Higher Education: a post-earthquake assessment of higher education institutions in the Pout-au-Prince metropolitan area*. Haiti: March 2010. Disponível em: http://inured.org/docs/TheChallengeforHaitianHigherEd_INUREDMarch2010.pdf.

Acesso em: 18 jan. 2012.

LUZINCOURT, Ketty; GULBRANDSON, Jennifer. *Education and Conflict in Haiti: rebuilding the Education Sector after the 2010 Earthquake. Special Report*. United States Institute of Peace. Washington: August, 2010. Disponível em: <http://www.usip.org/files/resources/sr245.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2012.

MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE DE LA JEUNESSE ET DES SPORTS. *The development of education: National Report*. Port-au-Prince: MENJS, 2004. Disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/International/ICE47/English/Natreps/reports/haiti.pdf>. Acesso em: 23 jan 2012.

NASCIMENTO, Sebastião; THOMAZ, Omar Ribeiro. *Da crise às ruínas: Impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti*. Ministério da Educação. Brasil: mai. 2010.